

O USO DA INFORMÁTICA NA ESCOLA MOTIVA OS ADOLESCENTES A APRENDER?¹

¿EL USO DE LA INFORMÁTICA EN LA ESCUELA MOTIVA A LOS ADOLESCENTES A APRENDER?

Bettina Steren dos Santos*

Denise Dalpiaz Antunes**

Jussara Bernardi***

Resumo

Este artigo sintetiza as principais reflexões decorrentes da investigação Informática Educativa e o Processo Motivacional dos Adolescentes, realizada por pesquisadores do Grupo de Pesquisa, Processos Motivacionais em Contextos Educativos, a respeito dos elementos que interferem nos processos motivacionais dos adolescentes, relacionando-os com as potencialidades oferecidas pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) em ambientes escolares, especificamente a utilização do Computador. A pesquisa desenvolveu-se numa abordagem qualitativa, em nível descritivo, através de testemunhos de 45 estudantes adolescentes com idade entre 12 e 16 anos. Essa amostra foi composta por 15 alunos oriundos de instituição privada, 15 da rede municipal de educação de Porto Alegre e 15 da rede estadual de educação do Rio Grande do Sul. Os resultados apontam que um dos motivos que levam os estudantes a irem para a escola é a busca pela socialização, característica esta evidenciada na construção da identidade na etapa da adolescência. Constatou-se, também, que nas escolas públicas existe um nível de motivação mais acentuado por parte dos estudantes, manifestado pela valorização do computador na escola e na perspectiva de um futuro de vida melhor. Outra questão revelada pela investigação evidencia que os adolescentes estariam mais motivados nas tarefas escolares se os professores realizassem mais atividades com o uso dos computadores. Ainda, pode-se concluir que as diferenças motivacionais dos estudantes estão diretamente relacionadas à situação social encontrada nas escolas.

¹ - Artigo construído a partir da pesquisa Informática Educativa e o Processo Motivacional dos Adolescentes do Grupo de Pesquisa Processos Motivacionais em Contextos Educativos, cadastrado no CNPq, do qual todas as autoras fazem parte.

* - Professora da Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação da PUCRS; doutora em Psicologia Evolutiva e da Educação – Universidade de Barcelona, Espanha. bettina@pucrs.br

** - Professora da rede municipal de Porto Alegre e da rede estadual do RS; mestre em Educação – PUCRS. denise.dalpiaz@terra.com.br

*** - Professora da rede municipal de Porto Alegre; mestre em Educação – PUCRS. jusbernardi@yahoo.com.br

Palavras - Chave: Motivação, Adolescência, Informática Educativa.

Resumen

Este artículo sintetiza las principales reflexiones derivadas de la investigación, “Informática Educativa y El Proceso Motivacional de los Adolescentes”, realizada por investigadores del Grupo de Investigación, “Procesos Motivacionales en Contextos Educativos”, sobre los elementos que interfieren en los procesos motivacionales de los adolescentes, relacionándolos con las potencialidades ofrecidas por el uso de las tecnologías de la información y comunicación (TICs) en ambientes escolares, específicamente, la utilización del Ordenador. La investigación tiene un abordaje cualitativo, descriptivo, a través de testimonios de 45 estudiantes adolescentes con edades entre 12 y 16 años. La muestra fue compuesta por 15 estudiantes de institución privada, 15 de la red municipal de educación de Porto Alegre y 15 de la red estadual de educación de Río Grande del Sur. Los resultados apuntan que uno de los motivos que lleva a los estudiantes a ir a la escuela es la búsqueda por socialización, característica evidente en la construcción de la identidad en la etapa de la adolescencia. Se verificó también, que en las escuelas públicas existe un nivel de motivación más acentuado por parte de los estudiantes, manifestado por la valorización del ordenador en la escuela y en la perspectiva de un futuro de vida mejor. Otro aspecto revelado en la investigación se refiere a que los adolescentes estarían más motivados en las tareas escolares si los profesores realizasen más actividades con el uso de los ordenadores. También podemos concluir que las diferencias motivacionales de los estudiantes, están directamente relacionadas con la situación social encontrada en las escuelas.

Palabras - Claves: Motivación, Adolescencia, Informática Educativa.

Introdução

A pouca importância que os jovens estudantes têm atribuído às atividades escolares e ao estudo, de um modo geral, vem inquietando professores, famílias,

pesquisadores e toda a comunidade educativa. A falta de motivação pelo processo de ensino e de aprendizagem justifica-se pelas oscilações de comportamento, característica da adolescência, e pelo fato de o adolescente encontrar-se num mundo em que a tecnologia invadiu a maioria dos lares e ambientes de socialização, e a instituição educativa, no entanto, permanece com práticas pedagógicas arcaicas, distante das realidades culturais, e, assim, pouco motivadora.

Dominar o mundo tecnológico tornou-se prioridade para crianças e adolescentes que desejam estar “conectados”, e obrigação para a geração educativa nos dias atuais. Para satisfazer essas necessidades, as instituições educacionais precisam começar por ressignificar suas práticas pedagógicas, aliando-as às tecnologias da informação e suas possibilidades de aprender/motivar. Nisso, a informática educativa pode constituir-se num instrumento interativo e motivador no processo de ensino e de aprendizagem à medida que contemplar os interesses, as realidades e os objetivos pessoais e socioculturais dos educandos.

A escola tem condições de favorecer o processo motivacional de seus estudantes ao considerar que o aluno se motiva ou se desmotiva em função do significado que tem para ele as propostas de ensino, o trabalho escolar. Esse fato aliado a investigações e estudos realizados por este grupo de pesquisa conduziu à reflexão teórica e prática a respeito da relação entre informática educativa, processo motivacional e adolescência.

O significado evolutivo na adolescência

O início da adolescência, momento crucial de desenvolvimento do indivíduo no ciclo da vida humana, convencionalmente denominado de primeira adolescência ou fase puberal, engloba todos os aspectos comportamentais ligados à aparência física, preparatórios para a própria vida adulta. De acordo com Osório (1992), a adolescência inicial marca, além da aquisição da imagem corporal definitiva, a ideia que o indivíduo tem do seu corpo e a estruturação da personalidade, ou seja, a construção da identidade.

O período da adolescência pode ser caracterizado, segundo Mosquera e Stobäus (1984), pelas seguintes etapas evolutivas: a adolescência inicial ou puberdade (idade aproximada dos 12 aos 14 anos); a adolescência média (idade aproximada dos 14 aos 16 anos); e a adolescência final ou pré-adulterez

jovem (idade aproximada dos 16 aos 20 anos). Entretanto, esta divisão por faixa etária apresenta várias contradições por ser a adolescência considerada um fenômeno fundamentalmente biopsicossocial, encontrando-se com influência direta dos aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e econômicos do ambiente onde o adolescente está inserido.

Por isso, a chegada da adolescência não pode ser compreendida dissociadamente, visto que o biológico corresponde às mudanças físicas e possui fortes implicações psicológicas nos meninos e meninas, acrescidas de circunstâncias sociais, interferindo diretamente na autoimagem e autoestima de cada um.

A partir desses acontecimentos e determinado pela herança genética, e mais experiências anteriores na infância, ocorre um processo evolutivo que experimentará modificações que poderão abalar o equilíbrio alcançado na etapa anterior. É importante salientar que as alterações físicas próprias do adolescer possibilitam, especialmente, a reformulação da sua identidade, constituída até o momento de maneira a possibilitar a inclusão das novas referências e características corporais, sendo que a aparência física representa a maior preocupação dessa fase vital.

Embora a construção da identidade do ser humano já tenha sido iniciada com o ciclo da vida, é na fase puberal que ela se consolidará, pois é esta tarefa uma das incumbências primordiais da adolescência. Segundo Ferreira (2000, p. 23), “é na adolescência que se dá o verdadeiro conhecimento de si mesmo”. A autora segue acrescentando que o termo identidade significa o processo de reconhecimento que o indivíduo realiza de si mesmo e de suas características.

Considerando sob o ponto de vista psicológico, a edificação da identidade pessoal se processa a partir das turbulências vividas pelo adolescente. Por isso, afirma-se que a crise evolutiva sofrida pelo adolescente é de certa forma uma crise de identidade. Osório (1992) acrescenta, também, que a organização da identidade se dá através da resolução do trinômio: “o que eu penso que sou” – “o que os outros pensam que sou” – “o que eu penso que os outros pensam que sou”.

Chipkevitch (1995) destaca que, no percurso da elaboração da sua identidade, o adolescente deve cumprir uma série de tarefas de desenvolvimento. Essas englobam: estabilização da nova autoimagem corporal, elaboração da identidade sexual, aquisição da independência emocional, con-

solidação do autoconceito, autodeterminação, aquisição do pensamento abstrato, estabelecimento de novas relações com os pares.

Contudo, não existe uma definição homogênea sobre o desenvolvimento na adolescência, mas são as contribuições particulares das diferentes teorias que auxiliam na explicação desse período da vida humana, que significa construção, edificação da identidade a partir das inter-relações e intrarrelações.

O período da adolescência e o processo motivacional

A motivação humana, um *processo*, é complexa e integra interesses intrínsecos, bem como interesses extrínsecos dos indivíduos. Acima de tudo, “a motivação do ser humano deve ser entendida na sua integralidade, mas percebida desde a sua singularidade” (SANTOS e ANTUNES, 2007, p. 159).

Como processo internalizado, a motivação intrínseca está depositada na atividade, por tudo aquilo que ela representa para o sujeito. É um motivo baseado no prazer da própria realização da tarefa em si, onde a meta principal da ação é a execução de determinada atividade, não enfatizando o resultado que se espera dela. São condicionantes internos que impulsionam o indivíduo a apresentar interesses pessoais para suas ações.

Nos motivos externos, há uma busca pela meta, por resultado e tudo aquilo que este pode proporcionar – êxito, vantagens financeiras, poder, entre outros. É aquilo que externamente ao indivíduo pode ativar objetivos próprios internalizados ao longo de suas relações interpessoais e de suas construções subjetivas.

Assim, a motivação constitui-se, segundo Alonso Tapia e Fita (1999), de um conjunto de variáveis que ativam a conduta do ser humano e o orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo. Também Huertas (2001, p. 54) enfatiza que por “motivação humana deve entender-se como um processo de ativação e orientação da ação”, no sentido de que o ser humano deve atuar e participar conscientemente de cada ação em sua vivência. Entretanto, a motivação

é um processo que cada ser humano apreende de formas distintas, em virtude de suas relações interpessoais e intrapessoais. Desde a infância, as interações com outros seres humanos irão contribuir,

mas não de forma determinista, à internalização de motivos intrínsecos que o indivíduo trará em sua diversidade durante toda a vida, a menos que novos motivos extrínsecos possam revelar-se em renovados processos motivacionais internalizados (SANTOS e ANTUNES, 2007, p. 157-158).

Contudo, o processo motivacional influencia diretamente o ensinar e o aprender de cada educando. A importância está em conhecer os *motivos* que estão implícitos nas ações dos alunos, se intrínsecos ou extrínsecos, e, sobretudo, em ter consciência de que estes motivos são elaborados nas relações interpessoais – em se tratando da educação escolar, nas relações proporcionadas pelas práticas educativas.

Por isso, a motivação, por ser considerada um processo complexo e dinâmico, independe de formas isoladas de ação em sala de aula ou em outros ambientes educativos. Segundo Alonso Tapia (2005, p. 12), “há um conjunto de pautas de atuação que constituem entornos com um ambiente mais propício para que os alunos se interessem e se esforcem por aprender”.

Assim, para entender a motivação e as atitudes acerca da aprendizagem, especificamente na puberdade, torna-se necessário analisar as mudanças que se produzem nessa fase da vida e a maneira de enfrentar o estudo, bem como os motivos ou valores que determinam o grau de esforço e dedicação que os alunos adolescentes apresentam, sem esquecer que eles estão imersos num contexto sociocultural.

Ainda assim, no processo de ensino e de aprendizagem escolar, a motivação vincula-se ao interesse e ao esforço para a aprendizagem que os adolescentes apresentam enquanto permanecem na escola. Como por exemplo, a conduta de almejam apenas uma nota para a aprovação, provavelmente pelos modelos culturais de ensino, bem como os desejos ao aprender, internalizados a partir de vivências pessoais.

De grande importância na tarefa educativa, está a adoção de diferenciadas estratégias pedagógicas ou pessoais, por parte dos docentes, as quais poderão possibilitar a estimulação da motivação durante as atividades escolares. Nessa perspectiva, a maneira como o professor atua e se dirige aos adolescentes e propõe as atividades de ensino, já no início de sua aula e até o seu término, pode interferir diretamente de forma positiva ou negativa no processo motivacional dos alunos.

Apesar disso, o grau de interesse e de esforço que os educandos empregam durante o processo de aprendizagem pode revelar a motivação internalizada ao aprender, indicando se cada pessoa se encontra motivada ou desmotivada em seu processo de ensino.

A utilização das tecnologias na escola

As tecnologias da informação estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, e, principalmente, ganham destaque por parte dos adolescentes. Pode-se afirmar que a geração atual é constituída de indivíduos que praticamente “nasceram” junto com a popularização dessas ferramentas. É pequena a parcela da população que não tem acesso ao computador, não implicando o nível sociocultural. A criança de hoje, juntamente com as primeiras palavras, dá seus primeiros *toques nos teclados*. “Isso significa que as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) se transformaram em elemento constituinte (e até instituinte) das nossas formas de ver e organizar o mundo” (ASSMANN, 2001, p. 270).

Diante desta realidade, é mais do que imperativo que se faça um vínculo destes recursos com a realidade escolar, independentemente do sistema de ensino, incentivando o uso adequado desta ferramenta, e, ao mesmo tempo, instigando e permitindo que também outros alunos tenham acesso a este mundo que antes era distante.

Além do que, as consequências da utilização das TICs e sua generalização de uso no dia-a-dia ultrapassam a “forma de conceber, criar, recuperar, transmitir, difundir, representar e aplicar o conhecimento” (SANCHO, 2007, p. 16); permite refletir diretamente na forma de fazer educação. Sancho (2007) também afirma nas pesquisas acerca da introdução de uma tecnologia tão suave como o computador, e depois a Internet, que, numa estrutura tão rígida, dura, como a escola, foi aceita naturalmente, por tradição e costume, como a única possível.

Contudo, a informática está presente em todos os lugares possíveis e imagináveis, principalmente na vida dos adolescentes. Isso pode ser evidenciado através do MSN, *e-mail*, Orkut, Fotolog, *blog*, entre outros. Enfim, recursos que fazem que eles se comuniquem e criem uma linguagem, por muitas vezes, própria neste ambiente virtual. “Para que as novas tecnologias não

sejam vistas como apenas mais um modismo, mas com a relevância e o poder educacional transformador que elas possuem, é preciso refletir sobre o processo de ensino de maneira global” (KENSKI, 2003, p. 73).

Certamente, um número grande dos jovens passa boa parte do tempo diante do computador, muito mais do que frequentando a escola. É preciso ensinar os adolescentes a fazer uso deste recurso tecnológico, da maneira mais adequada e benéfica possível, para seu aprendizado.

Não é exagerado dizer que os novos recursos tecnológicos têm o papel ativo e constitutivo da própria morfogênese do conhecimento no que se refere às suas formas de criação, expressão e comunicação. A extraordinária versatilidade dos multimeios os transforma em “agentes cooperativos” das formas de aprendizagem (ASSMAN, 2001, p. 291).

São inúmeras as maneiras de interações possíveis no campo virtual. Pensar em computadores na educação não significa somente pensar na máquina, mas principalmente em novos processos e estratégias educacionais. Motivar alunos, mais do que dispor e depender de recursos técnicos, é resultado de uma proposta bem elaborada pelo professor; os conteúdos e os objetivos que busca alcançar devem estar de acordo com o nível dos alunos, suas faixas etárias e suas motivações de vida.

Sendo assim, uma das competências do professor é estabelecer uma relação coerente entre conteúdo, objetivos e situações de aprendizagem. Os saberes são construídos em situações múltiplas, complexas, que muitas vezes tornam-se interdisciplinares e envolvem vários objetivos, trabalhados de forma não linear.

O computador não deve ser visto apenas como um auxiliar do ensino, onde o professor, com uma boa formação, desempenhará um papel fundamental de mediador, já que é ele quem indaga sobre o uso do computador e as aprendizagens. Ele é quem avalia se este está contribuindo ou não para a construção de novos conhecimentos. Além disso, ele deve saber desafiar os alunos para que, a partir do projeto que cada um propõe, seja possível atingir os objetivos pedagógicos que ele determinou em seu planejamento.

Assim, as mudanças educacionais também requerem criatividade no uso dos recursos tecnológicos, implicando um novo papel do professor que deve pesquisar com os alunos, apresentar problemas, desafiá-los. De acordo com Faria (2006, p. 60), “o computador é uma ‘ferramenta’ que in-

termedeia a ação do professor e do aprender do aluno, é um auxiliar, sempre disponível e muito útil quando bem utilizado”.

Por tudo isso, tais inovações tecnológicas, enquanto ferramentas a serem utilizadas pelo professor, facilitam a passagem do modelo mecanicista – de memorização – para uma educação baseada na construção do conhecimento. Argumenta Sancho (2007, p. 36) que “as TICs alteram a estrutura de nossos interesses, mudam o caráter dos símbolos e modificam a natureza da comunidade”.

Constituição da pesquisa

A investigação foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa, em nível descritivo, através de testemunhos de alunos adolescentes do Ensino Fundamental de uma escola privada e de duas escolas públicas, no primeiro semestre de 2007. A metodologia utilizada foi o estudo de caso.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, realizado com 45 estudantes adolescentes com idade entre 12 e 16 anos. Essa amostra foi composta por 15 alunos oriundos de instituição privada, 15 da rede municipal de educação de Porto Alegre e 15 da rede estadual de educação do Rio Grande do Sul. Esses questionários foram aplicados durante o horário escolar.

O objetivo geral da pesquisa foi identificar e compreender as concepções dos alunos adolescentes sobre as motivações que os levam a ir para a escola relacionando-as com o uso do computador.

As questões de pesquisa foram:

- O que motiva você a ir para a escola?
- Onde e como você aprendeu a usar o computador?
- A escola utiliza os seus conhecimentos sobre informática?
- Como a escola poderia utilizar esses conhecimentos para tornar as aulas mais interessantes?

Os dados recolhidos pelo questionário foram estudados através da análise de conteúdo segundo Bardin (2004). A análise de conteúdo dos dados qualitativos consistiu em apreender todo o material arrecadado durante o trabalho de investigação, isto é, os dados transcritos das entrevistas realizadas. Essa fase implicou uma leitura flutuante que “consiste em estabelecer

contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”, como nos aponta Bardin (2004, p. 96). Essa análise deu-se em dois sentidos: a análise vertical e a análise horizontal, seguindo orientações de Bardin (2004). A adoção de um procedimento analítico tornou-se imprescindível para triangular as informações obtidas, confrontando e relacionando com o referencial teórico e procurando responder às questões norteadoras do estudo.

Concepção dos adolescentes

Sobre os resultados encontrados até o momento, percebemos que existem alguns pontos que consideramos semelhantes e outros diferentes sobre as três realidades estudadas. A análise realizada refere-se as quatro questões norteadoras do estudo.

Com relação aos motivos que levam os estudantes a irem para a escola, ficou evidente, quanto às **semelhanças**, que todos os alunos frequentam a escola em busca de socialização. Os alunos da escola privada destacam a importância da interação com os pares; já na instituição pública, além dos pares, eles salientam a relação com os docentes como sendo um aspecto motivador. Nesta faixa etária é peculiar a busca pelo estabelecimento de vínculos com os pares para a construção da própria identidade.

Outro fator referido pelos sujeitos da pesquisa está relacionado com a aquisição do conhecimento. Existe uma percepção, na grande maioria dos adolescentes, em buscar na escola o conhecimento. Fica evidente que o aprendizado ainda é culturalmente institucionalizado. E que, para ser alguém na vida, precisa frequentar a escola.

Sobre o lugar que aprenderam a utilizar o computador, percebemos que a totalidade dos estudantes aprendeu a usá-lo fora do ambiente escolar, por exemplo, em casa ou na casa de amigos e parentes.

Com relação ao aproveitamento dos conhecimentos pessoais dos discentes sobre a informática, a grande maioria afirma que a escola não faz uso. Já na escola municipal fica evidenciado que se utilizam dessas habilidades nas atividades desenvolvidas no ambiente educativo.

Na questão sobre como a escola poderia empregar esses conhecimentos para tornar as aulas mais interessantes, percebe-se que os adolescentes

estariam mais motivados nas tarefas escolares se os professores realizassem mais atividades com os computadores, como trabalhos avaliativos, pesquisas diversificadas, entre outras. Também fica salientado que nas duas escolas públicas os estudantes desejam mais aulas de informática.

Quanto às **discrepâncias**, os dados coletados evidenciam que os estudantes da escola privada frequentam a escola inicialmente pela socialização, mas apontam como um fator importante a obrigação determinada pelos pais especificada pelo valor pago à escola. Dessa forma, um número significativo de estudantes da rede privada responde que nada os motiva a irem para a escola. Por outro lado, os alunos das escolas públicas destacam como importante a possibilidade de um futuro melhor com uma carreira profissional bem-sucedida.

No que diz respeito ao local em que os alunos aprenderam a usar o computador, na escola privada como na estadual, a grande maioria dos alunos traz de casa os conhecimentos sobre o uso do computador. Já na escola municipal, esse é diversificado, advindo ora da escola, ora da casa, entre outros locais, como cursos de informática e *lan houses*.

Quanto à utilização da informática na prática educativa, a grande maioria dos alunos afirma que a escola pouco utiliza os conhecimentos que eles trazem, como descrito anteriormente. No entanto, na escola privada e na estadual, quase a totalidade deles é enfática ao dizer que a escola não usa suas habilidades; já na escola municipal, a grande parte dos estudantes aponta que a escola, sim, aproveita os seus conhecimentos sobre o uso do computador.

Os alunos das escolas públicas demonstram mais interesse em frequentar aulas de informática e a necessidade de realizar mais trabalhos e pesquisas utilizando o computador em diferentes disciplinas. Os alunos da escola municipal também apresentaram interesse em utilizar o computador como ferramenta para a interação com outras pessoas, fato esse que não ocorre na escola privada e na estadual, já que esses possuem computadores nos seus lares.

Opinando sobre a utilização dos conhecimentos para tornar as aulas mais motivadoras, os adolescentes da escola municipal e estadual manifestaram o desejo de terem mais aulas no laboratório de informática, mostrando, assim, a sua motivação para realizar atividades escolares. Já na escola privada, os alunos manifestaram interesse em possuírem computadores pessoais (*laptop*) para aulas interativas, evidenciando, assim, as diferentes características socioeconômicas das realidades estudadas.

Visão prospectiva

A partir da análise dos dados recolhidos neste estudo, percebe-se a necessidade urgente de organizar atividades escolares que envolvam mais os estudantes e que os motive a aprender. A desmotivação é generalizada, tanto por parte dos estudantes como pelos professores. Quando se adentra no campo educacional, encontram-se cenários que denunciam uma escola estagnada no tempo, abstrata, desvinculada dos interesses dos alunos. Os educandos, sentados em suas carteiras, passivos e desmotivados, acreditam que a escola, apesar de necessária, pouco tem a contribuir para a sua formação, servindo apenas para fornecer-lhes um certificado exigido no mercado de trabalho.

Esta é a realidade de muitas salas de aula em que os alunos apenas buscam alcançar o êxito mínimo exigido para que possam avançar no nível de escolaridade, e que, ao término da formação escolar, possuem uma baixa qualidade de aprendizagem e passam a compor o quadro de adolescentes desescolarizados. A característica mais marcante desse coletivo é a falta de motivação, de interesse a tudo que possa estar relacionado à escola.

No entanto, constatou-se que nas escolas públicas existe um nível de motivação mais acentuado por parte dos estudantes, manifestado pela valorização do computador na escola e na perspectiva de um futuro de vida melhor. A qualidade de vida dos adolescentes da instituição pública está mais atrelada ao sucesso escolar do que os alunos da instituição privada. Estes podem ter acesso às informações no seu ambiente familiar, devido a um poder aquisitivo mais elevado.

Pode-se atribuir a diferença entre as escolas públicas ao fato de a formação docente do município parecer ser de boa qualidade, na medida em que os educadores municipais têm mais oportunidades de atualização. Os docentes das escolas municipais, além de estarem em constante formação, dispõem de laboratório de informática com monitor, o que não acontece nas escolas estaduais. Já na escola privada, os docentes foram capacitados para utilizar as tecnologias nas suas aulas, bem como têm disponíveis equipamentos e laboratórios altamente atualizados.

Sobretudo, a informática educativa pode constituir-se numa importante ferramenta que potencializa a aprendizagem, desde que sua utilização seja acompanhada pela mediação do professor, e por um novo paradigma educacional, diferente daquele que visava unicamente à transmissão e à memorização de informações.

Nesse sentido e a partir das análises realizadas, pode-se concluir que as diferenças motivacionais dos estudantes estão diretamente relacionadas à situação social encontrada nas escolas. Dessa maneira, os alunos das escolas municipais apresentam um nível de motivação elevada; em contrapartida, os alunos da escola privada, mesmo com professores capacitados para a utilização das tecnologias, não possuem internalizados motivos para aprender. Nesse cenário, a escola estadual encontra-se entre essas duas situações, com alunos relativamente motivados mesmo possuindo professores, em sua maioria, sem formação continuada.

Fica salientado que, quanto menor o nível socioeconômico dos estudantes, maior o desejo de frequentar a escola, e, portanto, a motivação para realizar as atividades do ensino e da aprendizagem. Mas só isso não é suficiente; os educadores devem pensar em uma transformação.

Sancho (2007, p. 36) contribui com estas ideias anteriores, enfatizando:

Para que o uso da TICs signifique uma transformação educativa que se transforme em melhora [...], muitas coisas terão de mudar. Muitas estão nas mãos dos próprios professores, que terão que redesenhar seu papel e sua responsabilidade na escola atual. Mas tantas outras escapam de seu controle e se inscrevem na esfera da direção da escola, da administração e da sociedade.

Sobretudo, é papel do professor ativar os motivos intrínsecos e facilitar a construção e o desenvolvimento da motivação para aprendizagem. Desvendando, assim, quais são as razões pessoais que podem mobilizar os estudantes adolescentes a se esforçarem para aprender, e não apenas para passar de ano ou cumprir obrigações sociais e familiares, configurando-se num excelente caminho para a transformação do desmotivado panorama educativo.

Referências

- ALONSO TAPIA, Jesus. *Motivar en la escuela, motivar en la familia*. Madrid: Morata, 2005.
- ALONSO TAPIA, Jesus; FITA, Henrique C. *A motivação na sala de aula: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- CHIPKEVITCH, Eugenio. *Puberdade e adolescência: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais*. São Paulo: Roca, 1995.
- FARIA, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. In: ENRICONE, Délcia (org.). *Ser professor*: 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 57-72.
- FERREIRA, Berta W. et al. *Psicologia e educação: desenvolvimento humano, adolescência e vida adulta*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- HUERTAS, Juan Antonio. Qué es esa cosa llamada motivación?. In: _____. (org.). *Motivación: querer aprender*. 2. ed. Buenos Aires/Argentina: Aique, 2001.
- HUERTAS, Juan Antonio; ARDURA, Arancha. Socialización y desarrollo de los motivos: una perspectiva sociocultural. *Revista Educação*. Ano XXVII n. 1 (52), p. 11-37, jan./abr. 2004.
- KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- MOSQUERA, Juan J. M.; STOBÄUS, Claus Dieter. *Educação para a saúde: desafio para sociedade em mudança*. 2. ed. Porto Alegre: D. C. Luzzatto Editores Ltda., 1984.
- SANCHO, Juana María. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos. In: SANCHO, Juana María. et al. *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
- SANTOS, Bettina, S. dos; ANTUNES, Denise, D. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. *Educação – PUCRS*, ano XXX, n. 61, p. 149-164, jan./abr. 2007.